

PAULO FREIRE

E uma noite em Buenos Aires

Era o ano de 1985, estávamos um pequeno grupo do CEAAL – Conselho de Educação de Adultos da América Latina, reunidos no Hotel Bauman em Buenos Aires. Havíamos vindo para preparar a presença do CEAAL na grande Conferência Internacional de Educação de Adultos, patrocinada pela UNESCO, em novembro, na mesma Buenos Aires. Paulo era então presidente de honra do CEAAL e se dispôs a vir estar conosco.

No segundo dia de reuniões, foi anunciada em nossa pequena sala de trabalhos a presença de uma “comissão de educadores argentinos”. Eles se apresentaram a Pancho Vio Gossi, que nos coordenava. e disseram que haviam sabido da presença de Paulo Freire na cidade e vinham convidá-lo para uma conferência naquela mesma noite.

Tomado de surpresa, Paulo Freire em um primeiro momento recusou, afirmando que havia vindo apenas para a reunião preparatória e não estava pronto (e nem disposto) para uma conferência. Os argentinos ficaram muito assustados. Sem nos avisar, e certo da aceitação de Paulo, havia já anunciado a palestra para aquela noite no Teatro San Martin.

Pancho Vio Grossi veio em meu socorro. E, então, cometi uma pequena mentira. Disse a Paulo que não era propriamente uma “grande conferência”, mas um fraterno encontro com alguns educadores da Argentina. Paulo me ouviu e concordou.

Espantou-se quando chegamos ao local, e ele viu que havia ali uma pequena multidão à espera de entrar no Teatro San Martin. Seriam cerca de 3000 pessoas, e os argentinos haviam armado toda uma solenidade, inclusive com a presença de Adolfo Perez Esquivel, recém-ganhador do Prêmio Nobel da Paz.

Fomos levados por uma porta de trás a um grande camarim e, logo depois, a um imenso palco. Havia apenas uma grande mesa com lugar em linha para mais de dez pessoas.

Isabel Hernandez, a coordenadora do evento, em breves palavras nos deu conta de como estava previsto o cerimonial: um encontro com Paulo Freire em Buenos Aires treze anos depois. A cada um de nós seriam dados cinco minutos para uma breve fala. E, então, a conferência de Paulo Freire.

Sentado ao meu lado ele nos ouvia. Vi que não havia trazido livro ou escrito pronto algum. Em uma folha de papel dessas boas para

pequenos recados, vi eu ele ia escrevendo, uma sob a outra, apenas umas dez palavras.

Depois que todos falaram foi dada a ele a palavra. Paulo anunciou que para não falar mais do que as outras pessoas, diria apenas uma mensagem de não mais do que cinco minutos.

Não sei se foi um “oh” pronunciado por não sei quantas mil vezes que o levou a pronunciar a palestra que, em Espanhol, transcrevo abaixo. Ela foi dita por Paulo em Português. Foi logo depois de publicada em um livrinho mimeografado pelo CEAAL. Circulou mais tarde pela internet como a conferência de Paulo Freire na sessão de abertura da grande Conferência, em novembro. Um engano evidente, pois ele termina a sua fala, no San Martin, anunciando que voltaria a Buenos Aires em novembro, para a Conferência.

Às vezes desconfio que algo desta fala inesperada, e mais o diálogo posterior com pessoas do Instituto Paulo Freire, notadamente Ângela Antunes, terão saído às ideias germinais da *Pedagogia da Autonomia*. Ei-la.

PAULO FREIRE EM BUENOS AIRES

***FALA DE PAULO FREIRE A EDUCADORES ARGENTINOS NO
TEATRO SAN MARTIN, POR OCASIÃO DA PEQUENA REUNIÃO DE
LÍDERES PARA PREPARAR A PARTICIPAÇÃO DA CEAAL NA
ASSEMBLEIA MUNDIAL DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS.***

EM NOVEMBRO DE 1985¹

Queridas amigas e queridos amigos de Buenos Aires,

Eu gostaria realmente hoje à noite não dizer mais do que palavras de saudação e afeição, mas provavelmente alguns de vocês gostariam que eu dissesse algo sobre a especificidade da luta político-pedagógica e sobre a teoria e a prática educativa. Vou tentar fazer as duas coisas, obviamente, integrando as emoções de certas memórias que são queridas para mim.

¹Observem ou título que é Corrigido por mim, no original está: *INAUGURACIÓN DE LA ASAMBLEA MUNDIAL DE EDUCACIÓN DE ADULTOS - 1985*

Buenos Aires,

Eu queria voltar a memórias da minha infância, a etapas que eu chamaria de alienação de infância.

Eu nasci no nordeste do Brasil, uma das partes mais dramáticas do mundo. Recife é tão quente que, quando fazem 16° os recifenses colocam roupas de frio. Imaginem vocês!!

O mais impressionante deste "filho recifense", que agora tem 63 anos e ainda está se sentindo jovem é que ele tinha uma paixão natural por algumas cidades, cujos nomes só conhecia através das aulas de Geografia: Amsterdam, Londres e Buenos Aires.

De início, gostava delas somente pelo próprio nome, Buenos Aires. Se traduzíssemos para o Português perderia completamente o seu caráter. "Bons Ares" não tem nada a ver com Buenos Aires.

Eu estimei por um longo tempo o prazer de conhecer a terra de Buenos Aires não precisamente para beijá-la, mas para senti-la, amá-la.

Quando eu morava no Chile, não poderia visitar a Argentina porque eu tinha sido absolutamente proibido de entrar no país até que o governo mudou e eu pude vir. Um dia, recebi um primeiro convite para materializar o velho sonho. Lutei comigo mesmo porque eu estava impaciente para saber se poderia ver, com o coração aberto, Buenos Aires e, assim, confirmar as aspirações de criança e dar-me a esta cidade. O convite foi feito por uma pessoa que faço questão de mencionar aqui, em público. Ele foi o ministro da Educação na época, Dr. Taina (aplausos). Vocês não podem imaginar o tumulto que ocorreu dentro de mim com este convite. Parecia um adolescente se preparando para o primeiro reunião encontro de amor.

Tangos

Lembro-me de colocar algumas condições para aceitar o convite, com muito medo que não as aceitassem, porque isso significaria punir a mim mesmo. Mas eu decidi arriscar. O primeiro foi que, embora eu tivesse muito trabalho a fazer, eu teria uma noite de tangos. Assim, passei uma noite maravilhosa no "Viejo Almacén". Os tangos também me acompanham desde a minha infância.

Eu quero que vocês me perdoem, meus amigos latino-americanos, mas para mim, a maneira mais bonita de falar

castelhano é a argentina.

A segunda condição era evitar dar palestras públicas e a terceira, trabalhar intensamente com grupos populares.

O ministro cumpriu todas as exigências e me lembro que uma das reuniões foi com os reitores das universidades, onde eu tive a impressão de que eu era o avô deles. Eles eram jovens, na sua maioria, o que era uma coisa um pouco estranha. Era como se eles estivessem começando a fazer uma revolução na superestrutura.

Lembro-me de que me encontrei com um grande número de jovens da época, alguns dos quais podem ter desaparecido naquelas terríveis noites de violência que sofreu a América Latina. Agora eu me lembro com respeito, "saudade" (que é uma palavra mais forte do que a nostalgia) e com admiração do belo trabalho que eu pude fazer aqui com muitos de vocês.

O que é perguntar?

Lembro-me de uma visita a uma área popular de Buenos Aires, em que um homem fez uma pergunta fundamental. Quando cheguei no grupo que me esperava disse-lhes que, em vez de uma palestra, propunha uma conversa, em que fariam perguntas e eu as responderia. Houve um silêncio e um deles, eu não sei se está vivo, olhou para mim e disse: "Tudo bem que você não queira fazer um discurso. Eu tenho uma primeira pergunta..." Eu disse: tudo bem. Ele me disse: "Professor, o que é perguntar?"

Eu acho que é necessário desenvolver uma pedagogia da pergunta, porque o que estamos ouvindo sempre é uma pedagogia da resposta. Em geral, os professores respondem a perguntas que os alunos não fizeram.

Naqueles dias, eu conheci muitas pessoas e tive conversas com o Dr. Taina e com outros intelectuais que conheci pessoalmente, mas eu já sabia conhecia seus trabalhos. Lembro-me de um deles, o Professor Puiggrós (aplausos), em cuja casa eu estive e com quem devorei 3 horas conversando, uma impressão que não esqueço pela sua seriedade intelectual e a profundidade de sua análise. Eu faço uma homenagem, esta noite, ao Prof. Puiggrós, que já morreu.

Os livros queimados

Esta noite confirmo a minha amizade e solidariedade com Buenos Aires e Argentina, que é a mesma que eu tinha quando eu

soube que meus livros tinham sido retirados das livrarias e bibliotecas no país para serem queimados. Inclusive recebi recortes de jornais que comunicavam a notícia da proibição oficial dos meus livros na Argentina. Quando nossa filha nos enviou este artigo para Genebra, eu disse a Elza, minha mulher: "Isto acaba por me convencer de que eu realmente sou perigoso".

Virtudes críticas da educadora ou do educador

Agora, depois destas palavras afetuosas, eu queria dizer algumas coisas que têm a ver com a "salvação" da democracia, por mais incompleta que seja, tanto aqui como no meu país.

Eu gostaria de falar sobre um assunto que me preocupa muito como um educador ao nível prático e teórico. É o tema que costumo chamar de "reflexão crítica sobre as virtudes da educadora ou do educador"; vista não como algo com que se nasce, ou seja, não é um dom que se recebe, mas como um modo de ser, de enfrentar, de se comportar, de compreender; forma que é criada, através da prática científica e política, em busca da transformação da sociedade injusta. Não é uma qualidade abstrata que existe antes de nós, mas que se cria com a gente (e não individualmente).

Estas não são virtudes de qualquer educador, mas daqueles que são politicamente comprometidos com a transformação da sociedade injusta, para criar social e historicamente uma sociedade menos injusta.

A mim não me interessa estudar as virtudes de educadores reacionários. Isso eles que façam!

Coerência

A primeira virtude ou qualidade que gostaria de evidenciar, que não é fácil de ser criada, é a virtude da coerência entre o discurso falado e anunciado e a prática que deveria estar confirmando o discurso.

Esta virtude enfatiza a necessidade de reduzir a distância entre o discurso e a prática. Quando me refiro a esta virtude em um nível maior da luta política no Brasil, eu digo que devemos reduzir a distância entre o discurso do candidato e a prática que resulta na eleição, de modo que em algum momento a prática seja o discurso e o discurso seja a prática. Obviamente, nesta tentativa de coerência, é necessário evidenciar que, em primeiro lugar, não é possível alcançar

a coerência absoluta e que, em segundo lugar, isso seria um incômodo. Imaginem vocês que alguém vivesse de tal maneira a coerência que não tivesse a capacidade de entender o que é realmente ser coerente, porque ele é sempre coerente! Então, não se sabe o que é (risos). Eu preciso ser incoerente para me transformar em coerente.

Não é possível um discurso de libertação por um lado; e por outro, revelar uma profunda desconfiança das massas

Há, no entanto, um mínimo tolerado para a incoerência. Eu não posso, em minha opinião, proclamar a minha opção por uma sociedade socialista, participativa, em que ao final, as classes trabalhadoras assumem a história em suas mãos e, ao mesmo tempo, rejeitar uma estudante que tem uma visão crítica a meu respeito, perguntando para ela: você sabe quem eu sou?

Para mim, não é possível fazer um discurso sobre a libertação e revelar o meu comportamento com uma profunda desconfiança nas massas populares. Não é possível falar de participação democrática e quando as massas vêm para a praça e pretendem falar, dizer: "O povo veio e vai estragar a democracia."

Por esta razão, a virtude da coerência é uma virtude libertadora. Ela vai se desenrolando e respondendo às demandas que a prática propõe.

A palavra e o silêncio

Outra virtude que emerge da experiência responsável é a virtude de aprender a lidar com a tensão entre a palavra e o silêncio. Esta é uma grande virtude que os educadores temos de criar entre nós. O que quero dizer com isto? Se trata de trabalhar esta tensão permanente que se cria entre a palavra do professor e o silêncio do educando, entre a palavra de educandos e o silêncio do professor. Se alguém não trabalhar bem essa tensão, pode ser que a sua palavra termine por sugerir o silêncio permanente dos educandos. Se eu não souber escutar e não der aos educandos um testemunho verdadeiro, através da exposição da sua palavra, termino discursando "para". Falar e discursar "para" sempre termina em falar "sobre", que necessariamente, significa "contra".

Viver apaixonadamente a palavra e o silêncio, significa falar "com", para que os educandos também falem "com". No fundo, eles também devem se assumir como sujeitos, do discurso e não como

respiradores do discurso ou da palavra do educador. É difícil, eu admito, porque não há nada fácil. Falo de educador e educadora popular, embora não assuma, ainda, a coragem de enfrentar a sintaxe machista das nossas línguas, que implicaria entender as mulheres dentro do conceito de educadores. Eu não consigo entender, como um educador que não tenha sido incluído na introdução do pensamento revolucionário, a ideia de machismo. Elsa é a minha esposa, eu sou o seu homem; ela é minha namorada, minha amante e é a avó dos meus netos. Há 41 anos, nós fizemos um acordo extraordinário.

Viver essa experiência de tensão não é fácil, exige muito de nós. Há que aprender algumas questões básicas como essas, por exemplo: não há nenhuma pergunta boba, nem há nenhuma resposta definitiva. A necessidade de perguntar faz parte da natureza do homem. O reino animal foi dominando o mundo e tornando-se homem e mulher com base em perguntar e perguntar-se. É preciso que o educador testemunhe para os educandos o gosto pela questão e o respeito à pergunta. Em seminários de educação popular, uma das questões-chave, introdutória, deve ser uma reflexão sobre a pergunta. A pergunta é fundamental, conectada com a prática.

Não existe pergunta boba, nem uma resposta definitiva

Às vezes, por exemplo, o professor percebe em uma classe que os alunos não querem correr o risco de perguntar, exatamente porque, às vezes, temem seus próprios companheiros de classe. Não tenho dúvidas, sem fingir que isso é algo em favor do psicologismo que é uma coisa horrível, quer dizer que, às vezes, quando os companheiros riem de uma pergunta, o fazem como uma maneira de escapar da dramática situação de não ser capaz de perguntar, deixando de fazer uma pergunta.

Às vezes, o próprio professor, diante de uma questão não muito bem formulada, desenha um sorriso, daqueles que todos sabem o que querem dizer com a sua maneira especial de sorrir, acrescentando a este sorriso, algo como "Eu estou mal, me pergunte mais tarde".

Não é possível este modo de comportamento, pois leva ao silêncio. É uma forma de castrar a curiosidade, sem a qual não há criatividade. Esta é outra virtude que parece obstinadamente importante.

Subjetividade e objetividade

Outra virtude um pouco complicada, a partir de um ponto de vista filosófico, é a de trabalhar criticamente a tensão entre subjetividade e objetividade, entre consciência e mundo, entre prática e teoria, entre o ser social e consciência.

Esta tensão é difícil de definir, porque é um tema que acompanha toda a história do pensamento pedagógico. É difícil porque nenhum de nós escapa, andando pelas ruas da história, de sentir a tentação de minimizar a objetividade e reduzi-la ao poder - que então se torna mágico - da subjetividade toda poderosa. Então, dizemos que a subjetividade cria arbitrariamente o concreto, cria a objetividade. Não há como transformar o mundo, a realidade, sem transformar a consciência das pessoas. Esse é um dos mitos que milhares de cristãos têm caído: primeiro se transformam os corações das pessoas e quando se tenha uma bela humanidade cheia de seres angelicais, em seguida, essa humanidade faz uma revolução que é divina também (aplausos). Isso simplesmente não existe, nunca existiu. A subjetividade se altera no processo de mudança de objetividade. Eu me transformo ao transformar. Eu sou feito pela história ao fazê-la (e não somente eu tenho esse privilégio).

O outro erro nessa tensão é reduzir a subjetividade a um puro reflexo da objetividade. Então, esta ingenuidade, que é uma maneira positivista muito grosseira de compreender Marx, assume que só se deve transformar a objetividade para que, no dia seguinte, mude a subjetividade. Não é assim, porque os processos são dialéticos, contraditórios, são processuais.

Autocrítica

Quando eu leio "conscientização", palavra que nunca mais usei desde 1972, a impressão que tenho é que o processo de aprofundamento da tomada de consciência aparecia em determinados momentos da minha prática (por certas razões sócio históricas) como algo subjetivo; às vezes um é criticado pelos críticos que não entendem o tempo histórico do criticado, o que não é justo.

Me autocritiquei quando eu vi que parecia que eu pensava que a percepção crítica da realidade significava sua transformação. Isto é idealismo. Superei essas fases, esses momentos, essas travessias pelas ruas da história em que eu fui mordido pelo psicologismo ou subjetivismo.

Aqui e agora

Outra virtude do educador, da educadora, é não só entender, mas viver a tensão entre o aqui e o agora do educador e o aqui e agora dos educandos, porque na medida em que eu entendo essa relação entre o "meu aqui" e o "aqui" dos alunos é que começo a descobrir que o "meu aqui" é o "mais ali" dos estudantes. Não há "ali" sem "aqui", o que é óbvio. Só reconheço que há um "aqui" porque há algo diferente que está "ali", e que me diz que "aqui" é aqui ". Se não houvesse um "ali", eu não entenderia o "aqui". Você só pode conhecer um "aqui" porque há um oposto. Se eu estou em uma rua, há apenas três posições básicas: no meio – nessa corremos o risco de ser atropelados, especialmente no Brasil - de um lado, ou do outro. Os demais são aproximações a estas posições básicas.

Os políticos e os educadores políticos nunca devemos esquecer de respeitar a compreensão de mundo, de sociedade, a sabedoria popular, o senso comum

Se eu estou de um lado e quero ir para o outro lado, eu devo atravessar a rua, porque senão, não chego. E eu acho que, pelo menos até o final do século, a solução será a mesma.

É por esta razão que ninguém chega lá partindo de lá. Isso é algo que os políticos- educadores e os educadores-políticos nos esquecemos, isto é, respeitar a compreensão de mundo, da sociedade, a sabedoria popular, o senso comum. Em nome da exatidão de julgamento que os educadores, muitas vezes, julgam possuir, declaram que as massas populares precisam desta sabedoria, esquecendo que desconhecemos a percepção dos grupos populares, de suas vidas diárias, a visão que eles têm de sociedade. Assim, pretendemos partir do nosso "aqui".

Eu não estou dizendo (como dizem certos críticos meus no Brasil, que não sabem ler bem e às vezes eles não leem o texto que o autor escreveu, mas o texto que eles desejam que o autor tivesse escrito), que os educadores devem constantemente manter-se no nível do conhecimento popular. Acho que há uma grande diferença entre ficar e partir; e falo de partir do nível onde o povo está, porque para chegar aqui passa por lá.

Isto representa uma grande tensão, porque está implícita toda a situação dos trabalhadores e seu desenvolvimento.

Espontaneidade e manipulação

Há outra questão que é a forma de evitar cair em práticas espontaneístas sem cair em posturas manipuladoras (no Chile diriam "atitudes muñequeiras"). A questão é que existem aqueles que pensam que o oposto do espontaneísmo é ser manipulador. Não, isto não é assim. Em contraste a estas duas posições é, o que eu chamo de uma posição substantivamente democrática, radicalmente democrática.

A esta altura eu digo que não se deve ter medo de dizer a palavra democracia. Porque há muitas pessoas, que ao ouvirem essa palavra a associam com democracia social; e imediatamente com o reformismo. Quando a ouço, a associo com o socialismo, com a revolução.

Quando ouço a palavra democracia, a associo com revolução, com o socialismo

Outra virtude é viver intensamente a profunda relação entre prática e teoria, não como justaposição, como uma sobreposição, mas como uma unidade contraditória. Assim que a prática não seja uma subteoria, mas que não possa prescindir da teoria. Há que pensar a prática para, teoricamente, melhorar a prática.

Fazer isso exige grande seriedade, um grande rigor (e não superficialidade), estudo, criação de uma disciplina séria. Esta questão de pensar que tudo é teórico é ruim, é algo absurdo, é absolutamente falso. Devemos lutar contra esta afirmação. Não há como negar o papel fundamental da teoria. No entanto, a teoria deixa de ter qualquer impacto se não houver uma prática que motive a teoria.

A relação entre a prática e a teoria não pode ser de sobreposição, mas de unidade contraditória

Acho que o tema da formação de educadores populares é um capítulo fundamental. Devemos aprofundar este aspecto como temos discutido nas sessões do Conselho de Educação de Adultos da América Latina, da qual fui eleito presidente.

Paciência e impaciência

Outra virtude é aprender a experimentar a relação tensa entre a paciência e impaciência, de modo que nunca mais o relacionamento entre as duas posições seja quebrado. Se alguém enfatiza a paciência

cai no tradicional discurso que diz "Tenha paciência, meu filho, porque vosso é o reino dos céus." O reino deve ser feito aqui mesmo, com uma impaciência fantástica.

Agora, se nós quebramos essa relação (que é tão dinâmica quanto a de teoria e prática, existência e ser) em favor da impaciência, caímos em ativismo que se esquece que a história existe. Em nome de uma postura dialética revolucionária, caímos no idealismo subjetivista. Passamos a programar, a vislumbrar uma realidade, que só existe na cabeça do revolucionário. Não tem nada a ver com a realidade. Está fora dela.

Devemos ser pacientemente impacientes ou impacientemente pacientes

Apreendi essas coisas (boas ou más) de um homem da prática, que nunca foi individual, porque ele viveu na prática social. Eu nunca poderia falar com ele, porque foi morto antes que pudesse conhecê-lo pessoalmente. O desafio foi de estudar uma obra, uma prática de Amílcar Cabral, o grande líder revolucionário da Guiné-Bissau. Ele tinha exatamente essa virtude, que também têm companheiros queridos da Nicarágua que são pacientemente impacientes ou impacientemente pacientes. Nunca somente pacientes e nunca somente impacientes.

Isto tem a ver com a compreensão do real, dos limites históricos que, pela mesma razão que são históricos, nos castigam quando desobedecemos suas leis. Isto é o que os educadores temos que criar uns nos outros.

Leitura do texto e do contexto

Finalmente, gostaria de dizer que tudo isso tem a ver com a relação entre a leitura do texto e a leitura do con-texto do texto, o do contexto do intelecto. Esta é uma das virtudes que devemos vivenciar para testemunhar aos alunos, seja qual for o nível de educação (universitário, básico ou educação popular), a experiência indispensável de ler a realidade sem ler as palavras. Para que eles possam entender as palavras. Toda leitura de texto pressupõe uma leitura rigorosa do contexto.

Cada leitura de texto pressupõe uma leitura rigorosa do contexto - A Idade Média no século XXI

Finalmente, quero fazer minhas as palavras que foram ditas aqui sobre Frei Leonardo Boff. É necessário ver como um homem que defende a palavra contra o silêncio entende a tensão entre a palavra e o silêncio. Eu queria deixar aqui publicamente o meu protesto por esta invasão insana da Idade Média em pleno século XXI.

Despedida

Agora, meus amigos e queridos amigos de Buenos Aires querida, gostaria, se eu pudesse, ir escutar tangos, como eu fiz ontem. Peço-lhes que me desculpem, porque aos 63 anos eu não tenho a coragem para continuar com vocês. Por isso vou fazer uma incongruência: não vou fazer diálogo, eu não vou ouvir perguntas, porque eu estou cansado, me perdoem. Eu os envio um abraço e prometo estar aqui em novembro para a Assembleia Mundial de Educação de Adultos.

Obrigado!

Cópia documento do CEAAL - "Paulo Freire en Buenos Aires" - com base na palestra de Paulo Freire no Teatro San Martín, em Buenos Aires, no ano de 1985.

Recopilação de Carlos Rodrigues Brandão

Versão para o Português de Otávio Machado Brito Teixeira Lima. E revisão final de Margarete Sampaio e de Raquel Carine De Moraes Martins Moraes. Uma equipe cearense.

*O original em Espanhol pode ser encontrado entre as página de
A PESSOA DE PAULO*

***Artigos, livros e escritos sobre
a educação, a antropologia e a literatura
podem ser livremente acessados
copiados, etc. no site:
www.apartilhadavida.com.br***